

Lições dos mestres

ANDRÉ LEMOS FREIXO*

Apresentação, ou, a escrita “sobre o fio da navalha”

Este texto é uma espécie de *Memorial*. Felizmente, não se trata de um “documento” formal e acadêmico como se costuma elaborar para alguns concursos, mas uma avaliação pessoal de parte da minha trajetória acadêmica. Na realidade, meu texto nasceu de um convite de colegas pós-graduandos à frente da *Ars Histórica*, revista discente do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ). Procuo descrever a minha trajetória neste programa que comemora, em 2012, seus trinta anos de existência,¹ aliás, cabe dizê-lo desde já: *Many happy returns!*

Todavia, apesar das aparências ou do que se possa imaginar, a elaboração deste memorial não foi nada fácil. Elaborar um texto em que o sujeito que fala, e fala sobre si mesmo, é sempre um exercício, no mínimo, constrangedor. Especialmente entre historiadores, tão acostumados a fugir deste tipo de empreendimento (falamos melhor da “vida dos outros”; de preferência dos *mortos!*). Arrisco, por isso, dizer que tenho consciência de que se trata de uma escrita “sobre o fio da navalha”: de um lado, o perigoso exagero auto-avaliativo, que pode ser mal interpretado, como algo cabotino ou mesmo pedantismo. Por outro lado, o cuidado excessivo com cada linha na tentativa exatamente de evitar ser lido pela chave da presunção, mas que pode ser interpretado como falta de convicção. Quem diria que um convite aparentemente inofensivo, e dos mais amistosos, lançaria um desafio tão grande?

Pois bem, aceito o convite (e enfrentado o “desa-fio”), gostaria de salientar ainda que tratar de minha formação significa falar de minha *alma mater*, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), instituição na qual me tornei historiador e professor de História. Não necessariamente nessa ordem. Na realidade, quanto a isso não há uma ordem correta, porque essas dimensões, pesquisa e ensino, se interpenetram e se complementam. Aprendi a ver e viver dessa forma na UFRJ. Mais ainda, por meio da cuidadosa observação, convivência e do trabalho que pude realizar ao lado dos mestres que encontrei nessa instituição. Não foram poucos. Quase toda minha formação foi realizada nos corredores do então Instituto de

* Mestre (2008) e Doutor (2012) em História pelo PPGHIS/UFRJ. Atualmente leciona na PUC-Rio, onde desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado – Capes (PNPD).

¹ Agradeço à Revista *Ars Histórica*, aqui representados por Iuri Bauler e Edmar Victor Rodrigues Santos, pelo honroso convite para participar desta edição tão especial.

Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), atual Instituto de História da UFRJ: graduação, pós-graduação e docência.

Além desta apresentação, dividi o texto em duas seções: experiências e horizontes. Na primeira, trato especialmente da minha trajetória na pós-graduação: minhas relações com o corpo docente e discente, as participações em eventos, entre outras. Ao final, delinco alguns horizontes não apenas acerca do que espero de um programa como o PPGHIS, seria uma enorme presunção da minha parte, mas em termos mais amplos, para as Humanidades e sua importante função em nossa sociedade contemporânea.

Experiências

Terminada a graduação, o que fazer a seguir era uma interrogação para mim. Conversando com colegas e professores, decidi-me pela pós-graduação. Após o processo seletivo, em fins de 2005, ingressei como mestrando no PPGHIS. O lugar foi escolhido por uma razão bem simples: seus professores. Os possíveis orientadores para aquele trabalho, que estendia as reflexões de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), já eram conhecidos desde os tempos de graduação. Há quem prefira e encoraje a procura por outros lugares, outras casas de historiadores, o que é não apenas legítimo como valioso também. Sem dúvida esse pensamento me ocorreu. Mas minha identificação com a UFRJ era, e ainda é, muito grande. Além disso, encontrei no PPGHIS um ambiente suficientemente plural para que eu pudesse aprofundar as reflexões acerca da problemática questão que desenvolvia.

Digo isso, pois no PPGHIS também tive a oportunidade de contar não com um, mas dois orientadores à época do Mestrado: Prof^a. Dr^a. Monica Grin (orientadora) e o saudoso Prof. Dr. Manoel Salgado Guimarães (1952-2010), que coorientou o trabalho. Ambos dedicaram muito tempo e sincero interesse na pesquisa e em minhas infindáveis questões e solicitações por referências bibliográficas. Souberam também, como verdadeiros mestres, incentivar minha permanência no “jogo” acadêmico, apesar das inúmeras dificuldades e obstáculos que apareceram (e aparecem) pelo caminho. Mais do que isso, ensinaram-me a como enfrentá-las de cabeça erguida e seguir em frente.

Quanto aos cursos que acompanhei no Mestrado, as disciplinas oferecidas no PPGHIS eram bastante distintas. Trata-se de uma das características fundamentais do programa: sua pluralidade de caminhos para seus mestrandos e doutorandos. Esta característica é muito positiva do ponto de vista da formação, pois permitia escolher – além dos seminários de pesquisa, de caráter obrigatório –, desde um curso de História das Ideias até uma disciplina de Pós-Abolicionismo. Duas delas foram bastante importantes para meu

trabalho à época do Mestrado: “Memória e história: questões em debate”, ministrada em 2006 por Maria Paula Nascimento Araújo e Samantha Viz Quadrat, e o “Seminário de Tese”, oferecido por Manoel Salgado Guimarães e cuja temática central também partia das problematizações acerca da memória e da história.

Meu projeto à época analisava as relações entre memória e história tal como identifiquei na historiografia dos judaísmos contemporâneos no Brasil. Especificamente, no que toca à espinhosa temática do antissemitismo no país. Minha Dissertação, intitulada “Vicária redenção: memória, historiografia e a questão do antissemitismo no Rio de Janeiro na década de 1940”, foi em grande medida favorecida pelos cursos e suas reflexões. Trata-se também de um esforço que, acima de tudo, consolidava meu interesse pelas questões teóricas e pela história da historiografia, que já nutria desde a graduação. Em minha dissertação confrontei representações historiográficas. A partir de minha própria representação, acerca da atuação de grupos sionistas brasileiros, identifiquei um enorme descompasso entre o que o cotidiano destas mobilizações políticas permitia inferir e a questão do antissemitismo na década de 1940. Ao adensar minhas análises acerca das relações entre memória e história,² meu trabalho teve por escopo dialogar com a historiografia dos judaísmos contemporâneos.³ Mais especificamente, o tratamento historiográfico para o problema do antissemitismo no Brasil durante o Estado Novo.

Em parte, acredito que os estudos acerca do judaísmo contemporâneo passaram por uma importante renovação da qual meu trabalho fazia parte. Digo isso com algum exagero, mas sem falsa modéstia. Evidentemente, não se reduz ao meu trabalho apenas. Longe disso! Mas gosto de pensar que eu tive minha parcela de contribuição na fundação do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Judaicos (NIEJ), fundado em 2008 na UFRJ, sob a coordenação de Monica Grin. Minha pesquisa de mestrado, de alguma forma, renovou o interesse por estudos judaicos no PPGHIS e na UFRJ, mostrando ser possível articular questões amplas, reflexões mais complexas e ultrapassar os limites do memorialismo no que toca a essa temática. Fico sempre muito feliz de ver o quanto esse núcleo hoje cresceu, contando também com um laboratório de pesquisas (LIEJ) e capitaneando uma série de eventos e intercâmbios com instituições e intelectuais do mundo inteiro.

O clima intelectual e de camaradagem entre os colegas discentes do PPGHIS também promoveu boas oportunidades para encontros acadêmicos (e, felizmente, extra-

² (CATROGA, F. 2001:40) Em grande medida, Catroga é tributário das reflexões de Paul Ricœur acerca da memória e da historiografia. (RICŒUR, P., 2007).

³ Minha referência de partida, nesse sentido, foi Yerushalmi, (YERUSHALMI., 1992).

acadêmicos também) nos quais algumas ideias bastante interessantes puderam ser não apenas gestadas, mas encaminhadas ao Colegiado do PPGHIS e logo concretizadas. Com eles também aprendi muito. A experiência de organizar a *Jornada de Estudos Históricos*, na sua terceira edição (2007), foi, nesse sentido, valiosa. Realizada pela primeira vez no ano de 2005, a *Jornada* estabeleceu por finalidade favorecer o debate das pesquisas em desenvolvimento dos mestrandos e doutorandos do Programa. Sua característica mais imediata era a coordenação das discussões por leitores críticos, professores convidados de outros programas de pós-graduação. Contando com uma participação mais efetiva dos alunos do PPGHIS na organização, a *III Jornada* teve por objetivos principais “a ampliação da visibilidade do evento e uma maior integração entre os estudantes de história da UFRJ”, nas palavras de sua Coordenadora na ocasião, a Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Rezende Mota.⁴ Além disso, visando enriquecer os debates em todas as mesas, os trabalhos dos participantes foram distribuídos previamente entre todos os membros de cada sessão.⁵ Duas razões, ademais, contribuem para que essa experiência mereça destaque também. Primeiramente, pelos debates que lhe renderam novo formato. Em segundo lugar, pelo aprendizado de lições importantes sobre a vivência acadêmica e a organização de um evento. Sobre como lidar com as diferenças de opinião dentro de um mesmo projeto coletivo de modo aberto, isto é, sem levar tais discordâncias (salutares sempre), para o nível da discórdia pessoal. Para muitos, a ética acadêmica talvez pareça “dada”, mas falando pela minha experiência, a dimensão ética de nossas ações se atualizava a cada nova conjuntura, cada novo encontro com o(s) outros(s).

Como participante, a partir da *II Jornada* (2006), pude vivenciar o clima de intercâmbio e diálogos entre colegas e mediadores. Participei de todos os eventos desde então. A partir de 2010, a *Jornada*, em justa homenagem, passou a denominar-se a partir do nome do saudoso mestre, Prof. Dr. Manoel Salgado Guimarães, falecido prematuramente em 2010. Não apenas como memento de ex-alunos, mas um reconhecimento sincero de sua imensa e efetiva contribuição para nossa formação, bem como o desenvolvimento do PPGHIS. Em 2012, retornei ao evento como comentador crítico e mediador da mesa de “Escrita da História e Usos do Passado”, temática cara em minha formação e que teve no Prof. Manoel uma grande referência e incentivador. Foi uma grande honra.

Digo isso, exatamente, pois foi ao lado deste grande mestre que me vi completamente convencido de que meu caminho profissional se faria através dos estudos em

⁴ MOTA, M. A. R. “Apresentação”. In: **Anais da III Jornada de Estudos Históricos do PPGHIS da UFRJ**. Disponível em <<http://portalhistorica.wordpress.com/anais-iii-jornada/>>, acesso em 23/01/2013.

⁵ Anteriormente, apenas o leitor crítico (convidado de fora do Programa) recebia os textos com antecedência.

teoria e história da historiografia. Matriculei-me, pois, no Doutorado do PPGHIS em inícios de 2008. Desde 2004 eu participava, às vezes apenas como ouvinte, dos cursos e laboratórios ministrados pelo Prof. Manoel – com quem trabalhei como monitor-bolsista da disciplina de Introdução aos Estudos Históricos (Metodologia da História I) ainda na graduação. Fruto destas experiências foi o amadurecimento de um projeto de pesquisa que eu desenvolvi e que submeti ao processo seletivo de fins de 2007, para o Doutorado, no PPGHIS. Pode-se dizer que comecei o novo capítulo de minha trajetória no Programa com o “pé direito”: para minha surpresa, fui aprovado em primeiro lugar.⁶ Além das disciplinas que cursei e do estreitamento das relações com os mestres que me formaram, pude aprofundar minhas análises acerca do intelectual que escolherei pesquisar: José Honório Rodrigues (1913-1987).

O que me interessou foi o modo como Rodrigues formulou um problema acerca da questão da consciência histórica no Brasil e os meios aventados para tentar solucioná-lo ainda em meados da década de 1940. A partir de 1944, Rodrigues deixou de lado termos genéricos como “estudos históricos” ou “estudos brasileiros”, muito comuns no período, e passou a defender o estabelecimento de uma *historiografia brasileira*. Entender o que isso representava naquele contexto foi determinante para se compreender que suas propostas dialogavam com um conjunto de intelectuais e propostas renovadoras no que toca à escrita da história no Brasil. Entre os maiores interessados nesta renovação podemos encontrar autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Otávio Tarquínio de Sousa, José Honório Rodrigues, entre muitos outros. Assim como instituições como o Instituto Nacional do Livro, a Biblioteca Nacional, o Ministério das Relações Exteriores, o Instituto Rio Branco etc.. Rodrigues, contudo, foi o único dentre eles que não apenas trabalhou em cada uma destas (e de outras) instituições como também se dedicou *exclusivamente* a compreender a questão da História do Brasil em termos fundamentalmente históricos (como interpretação), epistemológicos e historiográficos. Sua história da História do Brasil foi um esforço no sentido formular meios de compreender e orientar os caminhos dessa renovação num tempo fundamentalmente *histórico* atado ao momento no qual a renovação se apresentava como urgente através das críticas e problemas apontados por estes estudiosos. Isto é, a necessidade de uma renovação foi justificada histórica e historiograficamente. Seu objetivo era situar a historiografia brasileira e contextualizar seus problemas em relação ao seu passado e o seu “futuro”. O horizonte de Rodrigues no desenvolvimento do que ele

⁶ Em 2010, o PPGHIS indicou o meu trabalho para a bolsa “FAPERJ Nota 10”, com a qual concluí o Doutorado. Dado o falecimento de Manoel Salgado Guimarães, o Prof. Dr. Carlos Fico assumiu a orientação de minha tese até a defesa, que ocorreu em 2012.

chamava de historiografia brasileira, à luz de sua compreensão histórica, era o desenvolvimento e formatação da história (a escrita histórica) sob os moldes rigorosos de uma ciência histórica.⁷

Minha tese analisou também o programa científico que Rodrigues desenvolveu para a história do Brasil. Sua confecção e, principalmente, a dimensão central que a história da História do Brasil assumia como elemento de orientação no tempo, explica o título do meu trabalho final, “A arquitetura do novo”.⁸ Trata-se menos de reiterar o “cânone de formação”, no sentido de insistir que a geração de “ensaístas” da década de 1930 foi “de fato” a grande renovadora da historiografia, ou mesmo das ciências sociais no país, mas, isso sim, de compreender o que significava *renovação* para eles, uma vez que esse grupo reivindicava a todo o momento esse papel. E, acima de tudo, *como* isso se apresentava nas suas obras históricas. Meu esforço, concentrado particularmente sobre os trabalhos de Rodrigues, identificou que esta intenção de renovação visava restabelecer vínculos entre presente e passado, porém como meio de orientar e projetar, portanto, um futuro para uma historiografia profissional e especializada no Brasil. Uma escrita histórica profundamente ciente e autocrítica não só do seu papel social como também de seu compromisso intelectual e histórico, especialmente com a transformação do presente e a construção de um futuro melhor.

As disciplinas cursadas que mais me marcaram no Doutorado foram precisamente aquelas que me possibilitaram estudar e trabalhar com os “mestres”. Foram elas “Pensamento Social e Político Brasileiro”, com o Prof. José Murilo de Carvalho e “História, Memória e Ensino de História”, com a Prof^a. Dr^a. Marieta Moraes Ferreira. Ambas permitiram um aprofundamento muito importante para o desenvolvimento de minha tese, especialmente no que tange à produção intelectual da virada do XIX e primeiras décadas do XX: debates sobre a História do Brasil, a ascensão da Sociologia, o ensino de História, a renovação da História, os embates nacionalistas e desenvolvimentistas dos anos 1950, especialmente no ISEB, entre outros assuntos.

Fui também convidado pelo Prof. Dr. José Murilo de Carvalho para coordenar as pesquisas da Comissão Oficial das Celebrações dos Setenta Anos do Curso de História da Universidade do Brasil. Presidida pelo Prof. José Murilo, a Comissão contava ainda com outros professores, como o Prof. Manoel Salgado, a Prof.^a Marieta Moraes, todos do PPGHIS,

⁷ Minha tese articula as reflexões de Koselleck, Ricœur e Rûsen acerca da configuração do tempo histórico (moderno) a partir de uma narrativa historiográfica. Ver: (KOSELLECK, 2006); (RICŒUR, 2010: 353) et seq.; (RICŒUR, 2007: 309-320); e (RÛSEN, 2001); e (RÛSEN, 2007).

⁸ (FREIXO, 2012)

e a Prof^a. Norma Musco Mendes, do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC). Contávamos também com todo o apoio do Departamento de História, e com a participação do Prof. Francisco Falcon, que durante muitos anos foi professor da UFRJ – além, é claro, de ter sido aluno em uma das primeiras turmas do Curso de História, ainda nos tempos da antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Essa experiência foi importante, pois vivenciei encontros de profissionais nos quais pude testemunhar as dinâmicas de processos seletivos, das escolhas de caminhos, temas, da busca por financiamentos, a coordenação de seis pesquisadores (todos graduandos do curso de História no, então, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ), a organização de uma Exposição que marcou o ano de comemorações dos Setenta anos do Curso de História, a preparação e publicação do Catálogo desta Exposição, entre muitas outras.

Voltando ao ponto das interações entre os colegas discentes, as experiências foram bastante positivas. Inclusive, prova disto reside na organização de um evento integralmente arquitetado pelos alunos dos dois programas de pós-graduação de História da UFRJ, o PPGHIS e o Programa de Pós-Graduação em História Comparada. Intitulado *Diálogos e Aproximações: Seminário de Pesquisa de Pós-Graduação em História da UFRJ*. Nosso evento ocorreu nas salas do então Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, entre 14 e 18 de abril de 2008, e assumiu proporções muito maiores do que poderíamos antecipar. Estudantes de outros estados se inscreveram e participaram deste esforço coletivo que foi bastante elogiado pelos participantes e mesmo pelos convidados para ministrar conferências de Abertura e Encerramento, entre os quais destaco as conferências de Arno Wehling (IHGB; UCAM), Manoel Salgado Guimarães e de Sidney Chalhoub (Unicamp).⁹

Para seus organizadores, por outro lado, *Diálogos e Aproximações* também simbolizava uma semente plantada. Em retrospecto, não posso deixar de reconhecer nossa ousadia de supor que este evento conseguiria despertar a consciência de que algumas questões poderiam ser facilmente superadas pela união de gerações mais novas. O que novamente remete ao clima de camaradagem e otimismo daquele grupo. Havia questões, é claro, que ultrapassavam os limites e o alcance dos envolvidos na organização do evento; questões que demandam tempo e “perlaboração”. Para nossa tristeza, e apesar do empenho de seus primeiros organizadores, aquela semente não encontrou novos cultores. Mas serve como um

⁹ A organização do evento contava com Alexandre Santos de Moraes (PPGHC), Andre de Lemos Freixo (PPGHIS), Cláudio Beserra de Vasconcelos (PPGHIS), Daniel Pimenta Oliveira de Carvalho (PPGHIS), Felipe Esteves Lima Maciel (PPGHIS), Ivan Norberto dos Santos (PPGHIS), Kimon Speciale Barata Ferreira (PPGHC), Leandro Duarte Montano (PPGHC), Paulo Duarte Silva (PPGHC), Rodrigo Cardoso Soares de Araujo (PPGHIS), além das graduandas Joanna de Vasconcelos Cordeiro e Priscila Gonzalez Falci.

retrato das dificuldades inerentes a esta proposta e de que nem tudo são flores. E mostrou o quanto as atividades acadêmicas (e as Humanidades não configuram exceção) são profundamente dependentes de seus agentes, individual e coletivamente. Talvez se possa dizer que foi a amizade entre seus organizadores que contribuiu para o sucesso da empreitada.¹⁰ *Diálogos e Aproximações* tinha por horizonte se tornar um evento anual, porém sempre como uma tocha, passaria de nossas para as mãos dos próximos colegas discentes. Uma pena que a ideia tenha se perdido.

Felizmente, outra semente plantada na mesma época rendeu (e rende ainda) bons frutos. Trata-se da Revista *Ars Histórica*, da qual tive o prazer de fazer parte do seu grupo inicial de idealizadores.¹¹ A revista surgiu como veículo que se propunha a contribuir para a integração entre as diversas seções que configuram o conhecimento histórico através da publicação de artigos científicos. Não restringiria suas páginas apenas aos discentes ou às linhas de pesquisa do PPGHIS, buscando pesquisadores de áreas afins, visando com isso contribuir para a manutenção da abertura e do bom diálogo acadêmico entre diversas disciplinas e a História. É muito gratificante ver que esse esforço, tão positivo e necessário nos dias de hoje, não tenha sido em vão.

Aconteceu no dia 20 de junho de 2011, no Salão Nobre do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, uma homenagem por ocasião de um ano da passagem do Prof. Manoel. A cerimônia envolveu amigos, ex-orientandos, colegas e admiradores do saudoso mestre e contou com um excepcional e emocionante documentário (realizado por Bruno Leal – Café História/PPGHIS) sobre sua importância nos mais diferentes aspectos da vida e suas contribuições para os Departamentos de História da UFRJ e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, bem como o próprio crescimento do PPGHIS. Fui convidado pelo PPGHIS, nomeadamente pela minha querida ex-orientadora e amiga, Dr^a. Monica Grin (NIEJ/PPGHIS), para auxiliar na organização deste evento. Também tive o privilégio de redigir, ao lado de Adriana Barreto de Sousa e Rodrigo Turin, um texto que foi lido na

¹⁰ Não poderia deixar de mencionar as atuações quase heroicas de Cláudio Bezerra Vasconcelos, Felipe Esteves Maciel, ambos colegas de PPGHIS, e Kimon Speciale B. Ferreira, do PPGHC para o sucesso do Seminário. O mesmo pode ser dito acerca da assessoria que tivemos da Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida R. Mota, que proveu luz em momentos de dúvida diante de alguns becos aparentemente sem saída. Seria injusto para com o coletivo dizer que eles foram responsáveis pelo sucesso do evento. Todos trabalhamos muito para isso. Mas, em grande medida, suas contribuições foram não apenas fundamentais como também inspiradoras. Posso dizer que eu certamente aprendi muito com eles acerca da organização de eventos desta natureza.

¹¹ Os estudantes envolvidos nos primeiros passos de organização da *Ars Histórica* foram: Andre de Lemos Freixo, Cláudio Beserra de Vasconcelos, Cristina Monteiro de Andrada Luna, Daniel Pimenta Oliveira de Carvalho, Felipe Esteves Lima Maciel, Ivan Norberto dos Santos, Marcelo Santos de Abreu, Rachel Motta Cardoso, Rachel Saint Williams e Rodrigo Cardoso Soares de Araújo.

homenagem. Representamos ali, na voz trêmula e emocionada de Adriana, o sentimento de mais de cem ex-orientandos do Prof. Manoel.

Há muito mais que eu poderia escrever, sobre as bancas de qualificação e defesa pelas quais passei, por exemplo. Verdadeiros ritos de passagem que todos conhecemos, tememos e tivemos (ou teremos) de enfrentar, seja como “réu” ou “jurado”. Mas Georges Duby descreveu tão perfeitamente essa situação em seu livro *A História Continua*, que cometerei o descabro de fazer minhas as palavras do mestre francês.¹²

Horizontes

Ao longo de seis anos, entre 2006 e 2012, estive matriculado no PPGHIS. Parece pouco tempo. No entanto, bem sabemos, o tempo é sempre muito relativo. De lá para cá minha vida mudou várias vezes. Entrei como um jovem que acabara de sair dos bancos da graduação, com vinte e cinco anos de idade, solteiro e ainda residente na casa de seus pais. Saí de lá Doutor em História, com trinta e dois anos de idade, já na minha segunda residência, casado e com uma filhinha a caminho. Mas nesse período curto, porém extremamente enriquecedor, pude consolidar minha formação pessoal, como professor de história e historiador. Meu amadurecimento pessoal e profissional esteve intimamente ligado ao meu tempo no PPGHIS, isso é inegável.

Por essa razão, utilizei deliberadamente a expressão “mestres” ao longo deste memorial, tanto para me referir a alguns colegas quanto a alguns professores. Foi graças a estas relações com mestres que aprendi minhas lições e despertei meu desejo para me tornar pesquisador e professor de História. No entanto, aprendi com alguns deles mais do que “conteúdo” histórico; mais do que “teorias” ou “métodos” da História. Para mim, as lições aprendidas com os mestres extrapolam o sentido “clássico” do termo. Extrapolam as salas de aula e os debates formais. Têm a ver também com suas atitudes perante a vida, suas escolhas e ações. Não basta saber escrever um texto eloquente e erudito, se não há contrapartida daquilo que defendem ou criticam no mundo da vida prática. Esse tipo de integridade é o que inspira meus horizontes.

No momento em que concluo estas linhas, em pleno domingo de Carnaval,¹³ não posso deixar de pensar (e evocar) um mestre, Jorge Amado, que publicou em 1931 *O país do Carnaval*. Não se trata de um texto de historiador, é verdade. Mas pode ser perfeitamente pensado a partir de uma perspectiva de historiador. Como, aliás, *Casa-Grande & Senzala*, de

¹² (DUBY, 1993: 63-69)

¹³ O protagonista do romance de Jorge Amado resolveu deixar o Brasil, de uma vez por todas, em um domingo de Carnaval. Ver: (AMADO, 2011: 173-174)

Gilberto Freyre – leitura mais frequente para nossa casta profissional – ainda que ele jamais tenha reivindicado reconhecimento como historiador. São muitas as coincidências sobre estes dois livros e autores. Cada um ao seu modo, eles apresentaram o enigma do Brasil à época. Freyre, de certa forma, foi o “otimista”, estabelecendo um “equilíbrio de antagonismos” como um dos traços culturais mais marcantes em sua interpretação do Brasil. Curiosamente, o protagonista no romance de Amado, assim como o jovem Freyre, também saiu de sua terra natal para estudar fora do país. Retornou ao mesmo e diante das contradições que seus olhos europeizados viam elaborou, ao contrário de Freyre, uma leitura do Brasil bastante pessimista: o “país do Carnaval”, o país da desmedida, da mistura, da morosidade, da informalidade entre outros. Tanto Freyre quanto Amado trataram de temas candentes, quase simultaneamente, como a questão da miscigenação. Ambos os livros foram publicados em suas primeiras edições pela Editora Schmidt, o de Amado em 1931 e o de Freyre em 1933. Outras coincidências poderiam ser destacadas.

Mas o ponto que eu gostaria de frisar é o seguinte: as primeiras cinco páginas do romance compõem uma das mais pungentes críticas acerca do momento em que o Brasil se encontrava tanto política quanto intelectualmente. Não reproduzirei o conteúdo destas páginas aqui. Estendo um convite ao leitor que ainda não conhece esse título para que me acompanhe no prazer desta leitura. Mas, apesar de deixar esta lacuna, arrisco dizer que as críticas delineadas pelo baiano gozam ainda de grande atualidade. Não me refiro à postura do protagonista do romance, Paulo Rigger. Mas por tudo o que Amado escreveu (e inscreveu) ali e que subjazem às críticas e infortúnios da sua personagem central.¹⁴ As razões que essa personagem buscava para “explicar” o Brasil tinham por alvo a sua própria infelicidade e a dos demais intelectuais que ele procurou em vão na tentativa de compreender e, talvez, “acertar as coisas” naquele Brasil tão repleto de problemas e antagonismos. Entre o “ser” e o “não ser” brasileiro, sua crise existencial, no entanto, levou Rigger à fuga. Diante do seu fracasso, resolveu deixar o país do carnaval e retornar à Europa. A mesma Europa que o ilustrara, mas que permanecia apenas como um farol distante no tempo e no espaço. Sob o sol e o calor dos trópicos, sua luz não era mais do que uma pálida lembrança através do horizonte que ele procurou como guia enquanto virava as costas para o Brasil.

Indagar sobre a presença de uma intelectualidade mais ativa política e eticamente parece um tema imensamente atual. Seria plausível indagar se a sociedade (e a academia)

¹⁴ A *malaise* existencial de Rigger poderia ser quase perfeitamente descrita como a “náusea”, na expressão do também protagonista Antoine Roquentin, o historiador de Jean-Paul Sartre em seu romance igualmente inaugural intitulado, por isso mesmo, *A náusea*, publicada na França em 1938.

brasileira de hoje permite ou mesmo vê como algo “produtivo” este tipo de atividade intelectual em meio às celebridades de ocasião ou os “donos do poder”. Vivemos em um tempo complicado para aqueles que desejam ser parte viva e atuante deste tipo de relação. Refiro-me às muitas e cada vez mais velozes transformações no modo de experienciar o tempo, do automatismo na era do tempo real, da valorização desmedida do material (e do lucro material), do prático sobre o intelectual, do imediato (o “sem mediação”) sobre o trabalho de paciência. E, sem dúvida, como deixar de mencionar, o acinte da corrupção? Desde as mais básicas formas de “levar vantagem” sobre o outro na vida cotidiana, até os jogos de poder institucionais e políticos (ou melhor, politiqueiros). Práticas oriundas de uma sistemática falta de organização, de solidariedade mais ampla e de consciência coletiva acerca do significado e do que representa o conceito de público no Brasil. Não seria este um tipo de “fisiologismo” denunciado por José Murilo de Carvalho, em *Os bestializados?*¹⁵ Fisiologismo, bem entendido, e em bom vernáculo: a ordem do “mamar nas tetas do governo”. Com o perdão do mestre, para essa apropriação totalmente deslocada, me pergunto se essa “orientação alimentária” para o emprego público não gerou produtos nefastos para além (e muito além) da esfera política? A própria Universidade pública no Brasil, ou melhor, seus agentes, muitas vezes não dão o exemplo. O que nos mostra que nossa jovem Constituição (do alto de seus recém-completos 25 anos) não conseguiu ainda extirpar de nossa sociedade o escândalo dos “famosos infames”, como diria João Guimarães Rosa, “trenzinhos da alegria”.¹⁶ Como eu disse inicialmente, escrever nem sempre significa viver o que se preconiza ou praticar o que se prega. Desfazer-se dos laivos “medievais” da Universidade, uma lição que o mestre holandês Johann Huizinga lançou e que outro mestre, José Honório Rodrigues, soube transpor com grande atualidade para o cenário brasileiro ainda durante os anos de chumbo,¹⁷ parece ainda um sonho distante. Mas, espero, possível e factível, se (e enquanto) desejável.

Não sei dizer, nem sei se vem ao caso, se a desvalorização da integridade, da honestidade, da educação e da cultura (pelos próprios lugares de cultivo e incentivo à mesma) são vícios de todo tipo de “agente interessado” na manutenção do *status quo*. Nem se são problemas apenas conjunturais (tudo me leva a crer que não). Mais do que um problema crítico, este já se tornou crônico e atravessa quase todas as esferas da sociedade brasileira. O

¹⁵ (CARVALHO, 1987: 150) Ver também, (CARVALHO, 1987: 150)

¹⁶ Ver: SEGRILLO, Ângelo. “A corrupção nos concursos públicos acadêmicos”, In: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/07/27/a-corrupcao-nos-concursos-publicos-academicos-504814.asp>>, último acesso em 28/07/2013.

¹⁷ Ver: (RODRIGUES, 1969: 457-459 e 468)

porquê disso permanece um enigma, apesar de termos bons livros, teses e ensaios sobre o assunto (uma verdadeira tradição) desde a década de 1930. O que me incomoda é o quase sepulcral “silêncio dos intelectuais”, como no *insight* de Adauto Novaes.¹⁸ Quase sempre um sintoma do descaso inerente ao suposto “corte” que exclui os intelectuais da vida prática para dedicarem-se às “coisas do espírito”, como dizia Theodore Adorno. Ou ainda, expressa sem dizer uma única palavra a mais eloquente, e ensurdecadora,¹⁹ forma de demonstrar sua conveniência. Walter Benjamin dizia que a “acídia” (uma “tristeza no coração”) torna-os mudos porque sabem com quem, necessariamente, estão em relação direta e cotidiana: o vencedor e seu espólio, que ele chamava “documentos de cultura”.²⁰

Isso tudo não coloca em xeque a própria figura do mestre e do professor universitário, como formador e como educador público, não somente reproduzidor das diferenças, desigualdades, privilégios e iniquidades que há tanto tempo marcam os traços mais salientes de nossa sociedade?

De certa forma, é contra essa lógica perversa que construo meus horizontes, minhas esperanças e expectativas. Muito mais sobre o papel das Humanidades no Brasil em prol da mudança deste cenário, do que do nosso querido PPGHIS, que ora comemoramos. Sei que já se tornou lugar comum e que, de fato, pode soar piegas (ou mesmo demagógico) essa “milésima” vez que alguém clama por algo que siga em um sentido distinto dos atuais desígnios da produtividade *tout court* (*habemus homo lattes*)²¹ e dos perigosos efeitos que o direcionamento “alimentar” e patrimonialista que alguns insistem em perpetuar em nossas instituições de ensino público (em todos os níveis) tem sobre a formação de nosso capital humano, e do desserviço que isso presta à inteligência do nosso país. Mas...

Para concluir, creio que eu não poderia deixar de dizer que, em minha experiência, a forte imagem que se mantém até hoje como horizonte e perspectiva está vinculada a formação de historiadores, mas acima de tudo, de educadores e, porque não, intelectuais aptos a se engajarem e a *participar* destes e de outros debates com autonomia e competência, liberdade e discernimento crítico. Capazes também de saber honrar seus mestres e, porque não, fazer diferente. Parece-me, inclusive, que este é o grande desafio lançado por alguns mestres, do

¹⁸ (NOVAES, 2006)

¹⁹ SEGRILLO, Ângelo. “Silêncio ensurdecador”, In: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/08/10/silencio-ensurdecador-506393.asp>>, último acesso em 11/08/2013.

²⁰ “Não existe documento de cultura que não seja documento de barbárie. E a mesma barbárie que os afeta também afeta o processo de sua transmissão de mão em mão”. BENJAMIN *apud* NOVAES, *op. cit.*, p.18.

²¹ MARTINS, Sérgio Bruno. *Homo Lattes*. In: <<http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/08/02/homo-lattes-505601.asp>>, último acesso em 04/08/2013.

passado longínquo ou mais recente, as lições e as dívidas que devem ser recuperadas, honradas e atualizadas.

Finalmente, como dizia Paul Ricoeur, o intervalo que separa o historiador do presente destes mestres do passado pode figurar como um “cemitério de promessas não cumpridas”. O despertar e reanimar de tais promessas como dívidas do presente impõe-se, pois, como tarefa para *educadores públicos*, aos quais deveriam pertencer todos os homens políticos, atores da história, não apenas autores de histórias. Uma ressurreição que revela a utilização que fazemos das nossas *tradições* (se e quando quisermos reconhecê-las como algo mais profundo e significativo do que meras invenções), e daquilo que essas mesmas tradições podem transmitir para o futuro.²² Mas essa relação precisa, antes, reconciliar duas dimensões há algum tempo apartadas entre nós e reconhecer que não pode mais ser possível “fazer história” sem, da mesma forma, “fazer a história”²³.

Bibliografia

- AMADO, Jorge. **O País do Carnaval**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011 (1ª ed. 1931).
- CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- DUBY, Georges. **A história contínua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; Editora da UFRJ, 1993.
- FREIXO, Andre de Lemos. **Arquitetura do novo: ciência e história da História do Brasil em José Honório Rodrigues**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2012.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006;
- NOVAES, Adauto (Org.). **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. **A marca do passado**. Tradução: Breno Mendes e Guilherme Cruz e Zica. **História da Historiografia**, Ouro Preto, nº 10, dez. 2012.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa III**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 353

²² (RICOEUR, 2012: 347)

²³ *Idem, Ibidem*, p.349.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, José Honório. **Teoria da História do Brasil: introdução metodológica**. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969 (Coleção Brasileira).

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**. Teoria da História I: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora UNB, 2001.

RÜSEN, Jörn. **História viva**. Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: Editora UNB, 2007.

YERUSHALMI, Yosef Hayim. **Zakhor**: história judaica, memória judaica. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1992.